



Bernanos em dezembro de 1929, na editora Plon, com seu romance *La Joie* (1928), vencedor do prêmio Femina.

Com Bernanos no Brasil

GERALDO FRANÇA DE LIMA

É esta a primeira vez que, para um órgão de divulgação, escrevo sobre Bernanos, com quem convivi dia e noite, compartilhando de suas alegrias e suas dores constantes por quatro longos e saudosos anos, na sua colina de Barbacena. Concentrar-me sobre ele, é como ressuscitá-lo: é vê-lo nas suas grandes explosões de cólera contra a mediocridade; é escutar-lhe a voz profética; é ouvir-lhe as risadas gostosas quando as coisas lhe corriam bem; é acompanhar-lhe o olhar adivinhador num passeio pelo futuro prevendo, avisando, prevenindo...

Bernanos era uma figura complicadíssima, dominada pelo travo profundo da amargura. Era um ser inconformado e só a sua pena lhe dava oportunidade para fugir deste mundo e abrigar-se dentro de si mesmo, já desesperançado e atormentado! Foi sobre este aspecto que eu o vi sempre, com altos e baixos, decepcionado e desconfiadíssimo.

Escrever sobre Bernanos não me é fácil, porque equivale a sangrar na veia da saudade. Difícil não o é: – basta-me lançar um olhar re-

Geraldo França de Lima, educador, advogado e escritor, então assistente da Procuradoria da República do Distrito Federal e da Consultoria Jurídica do Ministério da Educação, fez essa entrevista com Georges Bernanos quando o escritor francês se encontrava no Brasil, em exílio voluntário, durante a Segunda Guerra Mundial. A entrevista foi publicada na revista *Comentário*, nº 1-2, 1960-1961, pp. 74-82. O Acadêmico Geraldo França de Lima faleceu em 22.03.2003.

trospetivo e vê-lo em Barbacena, ora cavalgando, a passo, um baio manso e magro; ora, abstrato num café, com a pena esquecida na sua mão; ou subindo com dificuldade a escadaria de pedra da Matriz colonial; ou em sua casa de Cruz das Almas; ou no *ball* do Grande Hotel desancando os aqüistas de Vichy. Era um extrovertido: pensava alto, exprimia-se sem meias-palavras, sem rodeio, aos gritos, com gestos fortes.

Ainda agora, estou a ouvi-lo nitidamente, claramente e o ouço a todo instante quando leio os jornais e constato que suas previsões se realizam impressionantemente. Pudessem elas ter sido reunidas em volume e o mundo se quedaria admirado...

– Quando esta guerra terminar – viveremos no inferno da paz perdida... A vitória militar, o esmagamento da Alemanha nada significarão para a tranqüilidade da humanidade... Quando esta guerra acabar, iremos viver constantemente sob a ameaça de outra guerra sempre maior...

E o futuro da França, sua França doce e forte o inquietava.

– A derrota militar de meu país desprestigiou-o perante o seu império... A França correrá o risco de perder suas colônias, que terão auxílios poderosos dos que as espreitam com inveja...

E como eu argumentava com o fato de estarem as colônias levantando-se para se colocar ao lado do General De Gaulle, Bernanos explicava:

– Isto nada significa: é porque têm elas medo de cair sob o domínio do Eixo. Quando o Eixo desaparecer, as colônias procurarão seu rumo...

Ai daquele que discordasse de suas opiniões! – Estaria arrasado. Certa vez conversávamos sobre a atitude dos Estados Unidos em face do governo de Vichy e a recusa de reconhecer o governo de De Gaulle. Ensaiei uma tímida defesa do Presidente Roosevelt. Bernanos perdeu as estribeiras; enfureceu-se:

– Você verá, meta dentro da sua cabeça estas minhas palavras: os americanos têm força material, domínio, dólar... mas falta-lhes imaginação, maturidade. Depois da guerra, para defender seu padrão de vida, farão tudo o que a Rússia quiser. Têm preconceitos raciais contra o judeu, contra o negro, contra

o latino, contra o amarelo e sobretudo contra o sul-americano e não pode haver paz num mundo racialmente dividido!

Mas não vou escrever sobre as idéias de Bernanos, de resto assaz conhecidas. Quero focalizar apenas o lado humano de sua atormentada existência, aquela natureza estuante de vida, aquela torrente de palavras, aquele vulcão sempre em chamas...

Os seus dias entre nós, em Barbacena, curtindo a dor rasgada na sua carne com a defecção da França, a mais velha nação militar da Europa, enfrentando problemas de toda a espécie e sempre de pé, alimentando o fogo sagrado de seu ardor, forjando com sua pena os raios de sua luta.

— Quando um dia perguntarem a você o que sou, responda que sou um antifascista, que odeio a mediocridade, a falsa modéstia, a virtude fingida e estudada, a mentira e a superficialidade... Sou um antifascista e pouco importa que o fascismo esteja na Itália, na Alemanha, na Espanha, em Portugal, na Rússia, na França ou nos Estados Unidos. Responda que sou um que acredita em Deus e que acredita que o homem foi feito por Deus, para amar, ser amado e respeitado. Mas presentemente — acrescentava — *je suis simplement un Français écrasé par la défaite de mon pays. C'est tout!*

É assim que estou vendo de longe a doce e atormentada figura do solitário de Cruz das Almas.

Foi em 1934, no meu primeiro ano de Direito, que li pela primeira vez um de seus livros, *Sous le soleil de Satan*, e a impressão que me ficou, não do livro, mas do autor, foi profunda e imorredoura. O livro, àquela época, não entendi bem. O autor, porém, ficou definitivamente. E volte-e-meia, vinha-me à idéia aquele estranho nome de Bernanos... Os tempos rolaram, Munique e a Europa às vésperas da guerra. Numa dessas leituras de bonde, assustei-me quando li no jornal a notícia de que Bernanos tinha passado pelo Rio com destino ao Paraguai, escrevendo sem querer o primeiro capítulo de sua legenda... De minha parte, deplorei não ter podido, pelo menos, vê-lo. Falar-lhe, certamente, eu não poderia, pois não dispunha de amigos nas letras ou nas rodas da sociedade.

Por esse tempo eu já tinha conhecido a suave e profunda beleza do *Journal d'un Curé de Campagne* e ainda estava abalado com a leitura de *Les Grands Cimetières sous la Lune...*

Formei-me e depois de tentar a advocacia em minha terra, decidi-me fixar-me em Belo Horizonte. Eclodira a guerra e lembro-me bem – lembro-me, rigorosamente, o dia e a hora de uma manhã de dezembro de 1939 – eu estava na ante-sala da secretaria de Educação, aguardando o momento de ser recebido pelo Dr. Cristiano Machado, quando um dos seus oficiais veio avisar-me que a audiência ficava cancelada, pois o secretário ia receber uma personalidade européia, que não devia tardar.

Fiquei queimado: mineiro, conheço bem os truques dos gabinetes de Minas. Era um volte-depois... E saí enfurecido, sem atender mesmo ao convite que me fazia o oficial de gabinete para ficar e ver aquela personalidade.

– Que personalidade, que nada! – resmunguei baixo...

Qual, porém, não foi o meu desapontamento ao ler no *Minas Gerais* que o europeu recebido pelo secretário chamava-se Georges Bernanos! Que tristeza foi a minha... Tivesse esperado um pouco e pelo menos o teria visto... Ocorreu-me logo uma idéia: procurá-lo nos principais hotéis de Belo Horizonte; e num minuto o localizei... Mas já tinha partido para Pirapora.

Pirapora!

Ontem o Paraguai, hoje Pirapora – um mundo de originalidade... Dias depois saía minha nomeação para Barbacena; e o ano de 1939 morria entre expectativas e ansiedades...

Junho de 1940 – consuma-se a tragédia: a França abatida... O temor se apossava das consciências livres, as legiões de Hitler hasteavam por todos os mastros o pendão da vitória! Que teria acontecido à velha França, o berço de nossa cultura, amada idolatradamente por todos nós, à França dos ginásios e das escolas normais brasileiras? Todos chorávamos: a *Marselhesa* saía dos ares... Apagava-se qualquer coisa na terra: um eclipse a envolvia. Fiquei desesperado e numa angústia trabalhei pacientemente uma carta, com a gramática e o dicionário ao lado, para Bernanos, e lhe pedia uma pa-

lavra sobre a desgraça que, prostrando a França, aniquilava a imagem que nós fazíamos do belo, das liberdades, da pessoa humana... Não demorou e eu recebia de volta a carta com um aviso seco do Correio, lacônico: “Mudou-se. Destino ignorado.”

Os ingleses bombardeiam vasos franceses em Oran: há um aperto em nossos corações; vem a ameaça de Vichy formar-se ao lado da Alemanha, declarando guerra à heróica Álbion!

Ora, uma tarde bem fria de julho, aproveitando um restinho de sol, eu me achava sentado num banco do jardim de Barbacena, lendo uma revista, por sinal o último número que recebi do *Mercure de France*. Tive a atenção voltada para um vulto que se aproximava: alto, corpulento, apoiado em duas bengalas, que com dificuldades se encaminhava para o banco em que me encontrava. Mais do que as duas grossas bengalas e a sua cabeleira revolta, branca, chamavam a atenção seus olhos violáceos impregnados de fogo, de combatividade, de vida.

Sentou-se a meu lado. Acomodou no chão as bengalas e tendo percebido que eu parara a leitura, disse-me:

— *Je vous dérange... Pardon...*

Fechei a revista e quando ia dizer qualquer coisa, ele adiantou-se com a palavra:

— *Oh! Mon pauvre Mercure... Permettez...*

Tomou-me das mãos: fitava-a como se fosse um pedaço da terra de França... Eu me limitava a seguir-lhe os gestos, a observar-lhe as contrações do rosto, a acompanhar-lhe as modificações da fisionomia... Quem seria ele? — eu me perguntava...

— *Comme on aime la France au Brésil, on y parle le Français, on y est chez soi... Ma pauvre, ma malheureuse France...*

Inibido, eu não dizia nada: vislumbrava qualquer coisa de apaixonante, de grandioso naquela figura máscula e ia, no meu francês de então, iniciar a conversa, quando o vulto lendário abriu a cachoeira de sua facúndia e desandou a gritar. Que mal os homens de Vichy tinham feito à França, quando a julgaram

abandonada no mundo, quando a supuseram perdida, ela que tinha um reino em cada coração livre... Descreram de seu prestígio no mundo: aquela força mágica e espiritual que ela soubera despertar em toda a terra... A França poderia estar ainda lutando bravamente ao lado da Inglaterra: o seu nome só seria um símbolo suficientemente para levantar exércitos e legiões...

E acrescentava numa voz quase chorosa:

— *Parce-que le bon Dieu a donné à la France la mission de porter son nom devant tous les peuples et les rois de la terre...*

Sublimado eu ia falar-lhe, quando ele continuou:

— Pétain cuspiu no rosto dos que amavam a França...

E desandou a xingar... E como xingava bem, com termos precisos, sem meias-palavras, xingando com todas as letras, com graça e energia! Era magnífico!

— *Pétain? Quel salaud! Cochon, pourriture, canaille, putain, voyou, va-nu-pieds, charogne!!! Tous ce gens-là vont crever!*

Eu escutava esmagado e o achava sublime: um anjo de espada em punho abafando a conspiração dos espíritos das trevas...

A borrasca ia-se acalmando: as águas aquietavam-se, dissipavam-se as fumaças da explosão... E num grande lamento, murmurou:

— *On a trahi la France... Tout cela va passer.*

E depois, mansamente me perguntou:

— *Vous parlez le français, monsieur?*

— *Oui, je le parle un peu...*

Estendeu-me a mão e se apresentou:

— Bernanos... Georges Bernanos... *Enchanté...*

Nunca, por certo, por mais que queira, poderei exprimir o que então senti! Talvez a emoção daquele momento tenha sido tão forte que haja destruído a minha capacidade para recompor a glória daquele minuto...

— Bernanos... Georges Bernanos... *Enchanté...*

— *Mais vous tremblez, cher ami...*

— *Oui, monsieur... Je mourais d'envie de vous connaître...*

Bernanos retomou a palavra, aquela palavra de ferro e fogo... E explicava a sua dor, a sua cólera. Um vaqueiro acaboclado, das barrancas do São Francisco, que de passagem pela sua fazenda arrendada de Pirapora, costumava fi-lar-lhe uma poisada, lá aparecendo dois dias depois do armistício, perguntava, incrédulo e admirado a uma de suas filhas:

– Estão dizendo que a nossa guerra acabou. Pergunta ao pai da senhora se é verdade...

A nossa guerra! A guerra da França, a guerra da Inglaterra, a guerra dos povos oprimidos, a guerra do mundo contra a tirania. A guerra de um vaqueiro das barrancas do São Francisco ou dos campos do Urucuia ou dos Gerais-Sem-Fim contra o Eixo! A guerra que seria dos Estados Unidos, a da Rússia, a guerra do Brasil... A guerra que os miseráveis de Vichy julgaram perdida e que apenas começava, sustentada por titãs como Churchill ou por grandes cabos de guerra como De Gaulle...

E Bernanos, com olhos minando de desespero, prestes a chorar, com a voz engasgada, embargada, continuava:

– E o vaqueiro insistia junto à minha filha: eh! dona, sendo assim, a coisa está ruim... Gente de pele queimada como eu vai para a cozinha ou tem de engraxar as botinas do alemão...

Era esta a maior homenagem que até então vira Bernanos ser prestada à França: a consciência livre de um caboclo mais livre do que o vento, depositar nessa palavra mágica – França – as bases de sua independência individual...

Nada disto compreenderam os homens da paz florestal de Compiègne: duvidaram da França, de seu prestígio no mundo inteiro.

Bernanos ainda desenvolveu por alguns instantes mais as suas idéias. Mas a noite já tinha caído: a cerração envolvia Barbacena: a neblina descia, não se enxergava quase nada: só se distinguiam os globos da luz elétrica ou os faróis de algum carro que passasse.

Recolhemo-nos. Bernanos estava hospedado no mesmo hotel em que eu morava e então daí data a nossa amizade. No dia seguinte almoçávamos juntos, Bernanos, Virgílio de Melo Franco e eu.

Bernanos imediatamente abriu-se para mim, e ao lado de sua esposa contou-me a sua vida, narrou-me as suas desventuras – que nunca podem ser perdidas de vista por quem queira compreender as faltas ou os defeitos daquele ser atormentado, marcado pela tragédia...

Ele procurava um pouso: não queria sentir-se um exilado: queria um lar, queria sentir-se em casa. Precisava, para tanto, de fixar-se, estabelecer-se. Aspirava a uma fazendinha: “*Un petit coin, qui soit mon foyer, pour y cuver ma honte...*”

A vergonha era a deserção da França, a sua ausência do campo da luta.

Bernanos estava indeciso entre Juiz de Fora, Barbacena e Itaipava. Urgia decidir-se: tinha muita coisa para fazer! Cabia-lhe erguer-se sozinho, no Brasil, para manter de pé o prestígio da cultura francesa.

No dia seguinte visitou-me o Sr. Virgílio de Melo Franco e saímos dando umas voltas pelas redondezas, para ver se achávamos um sítiozinho para o grande amargurado. Nada, porém, agradava a Bernanos: fazia questão de um arvoredado e de uma água-viva... E depois suas finanças eram escassíssimas: praticamente não tinha nada.

Já estávamos desanimados, quando uma manhã me telefonou o Dr. Bías Fortes, então prefeito de Barbacena: queria avisar-me de uma fazendinha de uma família que, tendo-se mudado para Juiz de Fora, desejava vender a pequena propriedade. Batemos para lá – nada agradou a Bernanos. Nem o preço convidativo: 17 contos de réis, três alqueires, moradia, perto da cidade, dominando uma colina afastada. Nem mesmo apreciou um fio d’água que fluía alimentando um lago ou o bosque cerrado que o acaso deixara crescer... Nossas buscas chegavam ao termo: nada em Barbacena o havia satisfeito e, portanto, íamos perdê-lo: partiria para Juiz de Fora ou Itaipava... Já nos preparávamos para regressar à cidade, quando Bernanos perguntou o nome do lugar.

– Cruz-das-Almas.

Bernanos sorriu, iluminando-se no rosto, descobriu uma legenda oculta naquele nome, um destino velado... e, para a surpresa de nós todos, prontamente se decidiu pela aquisição do imóvel. Apalavramos a transação. Cabia a Virgílio de Melo Franco arranjar-lhe o dinheiro para pagamento, escritura, impostos,

reforma e readaptação da casa. Três dias depois chegavam 30 contos de réis, vindos do Banco Boa Vista para a Agência do Banco de Crédito Real, de Barbacena, transferidos em meu nome.

Bernanos se entusiasmou com a reforma da casa, plantada ali na colina simbólica. Mas, como sempre, muito irritado: exasperava-se por qualquer coisa. Foi quando Virgílio me chamou:

– Você não se importe quando o Bernanos gritar, praguejar, xingar: isto faz parte de sua economia individual... É a prova de seu afeto...

Eu, de resto já o notara: e deixava Bernanos falar, e ele falava sem tomar fôlego, horas a fio. No convívio daqueles dias, fui então conhecendo as particularidades daquela complexa organização intelectual, daquela alma inquieta, que era Bernanos! Cem por cento francês, estereotipava as virtudes e os defeitos de sua raça. Se, de um lado, gastava tudo que ganhava, fazia, por outro, questão de saber onde tinha sido gasto um centil de qualquer conta que me dava para pagar.



Em Barbacena, estava finalmente estabelecido e o Sr. Assis Chateaubriand, que muito o auxiliou, garantiu-lhe um bom contrato na cadeia de seus jornais. Bernanos escrevia também para revistas e jornais fora do Brasil.

Sua franqueza atingia às raias da impolidez. Tinha o dom de prever os acontecimentos. No dia 7 de setembro de 1940, em Barbacena, procurou-o um alto funcionário da Embaixada inglesa, diplomata de prestígio, com uma bela carreira. Eu fui levá-lo à casa de Bernanos. Ah! tivéssemos podido gravar aquela conversa ou filmar aquela cena!... Bernanos andava irritado com o fato de não se reconhecer o governo de De Gaulle. E estava com a boca destemperada. O fino diplomata ouvia tudo. E para arrematar a conversa, Bernanos foi categórico:

– *Mon cher diplomate, d'ici à un an, vous verrez l'Allemagne envahir la Russie...*

O diplomata riu: classificava de impossível o que acabava de ouvir. Bernanos não se conteve, e gritou:

— *Mon cher ami, vous êtes un imbécile...*

E vagarosamente repetiu soletrando:

— *Un im-bé-ci-le...*

O homem não perdeu a linha e respondeu:

— *Comme vous êtes aimable!*

Pois em junho de 1941 a Alemanha deflagrava a guerra contra a Rússia e o diplomata, britanicamente, passava um telegrama de felicitações a Bernanos, telegrama que mais tarde dei ao Sr. Albert Béguin que me procurou...

O tempo rolava: a sorte da guerra insistia em conservar-se do lado de Hitler. Havia horas em que Bernanos ficava desolado. Descíamos então para o Rio, ele, sua mulher e eu. Procurava os seus grandes amigos: Osvaldo Aranha, Raul Fernandes, Dona Lúcia Miguel-Pereira. À noite, mais confortado, me telefonou antes de recolher-se, dando-me as novas, sempre acompanhadas de sua nota original:

— Estão mais desanimados do que eu...

Tinha por Osvaldo Aranha um grande respeito, uma admiração sem restrições: apontava-o como das maiores inteligências que conhecera em toda a sua vida. Um talento raríssimo, excepcionalmente profundo e brilhante. Osvaldo Aranha deu-lhe um cavalo e Bernanos, ovante, batizou-o com vinho do Rio Grande do Sul, dando-lhe o nome do grande chanceler.

Raul Fernandes era o amigo fraterno, de toda a intimidade, o amigo certo das horas dolorosas de sua vida privada. O amigo dos duros e inenarráveis instantes. Virgilinho de Melo Franco valia a Bernanos, com sua rasgada sinceridade, a qualquer momento. Dona Lúcia Miguel-Pereira traduzia-lhe, sobretudo no princípio, os seus artigos para *O Jornal*. A mim, me permitam que o diga, me chamava “*l’envoie de la Providence...*”

Disse-me certa vez que sentia um complexo de inferioridade quando ouvia o Sr. Raul Fernandes falar francês: francês perfeito, escoreito, de chancelaria...

A propósito do francês de Bernanos, há uma passagem digna de menção. Certa vez recebeu ele uma carta de um professor, parece-me aqui do Rio, professor de francês, mas brasileiro, apontando-lhe erros de gramática num de

seus livros ou em alguns deles... Bernanos riu a valer... Riu como raramente ria e depois me recomendou que escolhesse um de seus livros para eu enviar àquele filólogo, com seu autógrafo, e depois rindo sempre:

– *C'est ça... Exactement ça... J'ai horreur de la grammaire. Voilà!*

Quando alguém o contrariava, era ferino: não media palavras. Um exilado importante foi visitá-lo em Barbacena, homem de imensa fortuna na França, de certa idade e que teve a petulante audácia de atirar a luva a Bernanos fazendo a defesa de Pétain. Bernanos ouvia-o calado: eu estava admirado de não ter ainda entrado em erupção aquele Bernanos indomável... O pior estava para vir. O exilado então mostrou-se nostálgico da esposa, que era jovem, que ficara em Paris e que até então não viera juntar-se a ele, aqui no Rio de Janeiro.

Bernanos explodiu:

– *Votre femme ne viendra plus, j'en suis sûr... Elle vous trompe avec les boches... C'est ça... Allez la chercher... À bientôt!*

E despachou o homem de sua casa para fora.

Detestava os franceses que, no Rio, para se exibir, exploravam festas, chás, *cocktails*, aquilo que ele chamava: “*le malheur de la France*”. Não lhes perdoava a presunção. Evitava o contato com franceses refugiados, freqüentadores de rodas notadamente simpáticas ao Eixo, e recusava-se a recebê-los se iam até Barbacena.

Stefan Zweig surgiu certo dia de surpresa em Barbacena, e queria visitar Bernanos. Fui levá-lo a Cruz-das-Almas e confesso que estralava os dedos com medo da recepção, temia uma daquelas explosões bernanosianas. No entanto confesso: nunca até então tinha visto Bernanos receber tão carinhosamente, acolher comovido e fraternalmente, como recebeu a Stefan Zweig.

Zweig estava desfigurado: triste, abatido, sem esperança, cheio de pensamentos aziagos. Bernanos animou-o: conversava com ele docemente. Queria que Zweig passasse uns dias em seu sítio. Convidou-o para acompanhá-lo num protesto ao mundo contra as barbaridades que Hitler praticava contra os judeus e que ele, Bernanos, enfurecido, qualificava de crime contra a humanidade. Fez questão de voltar com Zweig até a cidade: levou-o à Prefeitura, apresentou-o ao Dr. Bias Fortes, que o tornou hóspede oficial da municipalidade.

A guerra, os padecimentos íntimos de Bernanos não faziam dele um ser indiferente ao ambiente em que vivia e por tudo se interessava, desde as disputas de futebol entre os clubes locais, Vila do Carmo, Andaraí e Olímpic, até àquela luta bem maior, absorvente, da política municipal. Ali se desenrola, precisamente há 30 anos, acirrada briga política. Quem quiser realizar o milagre da neutralidade, deve, antes de mais nada, manter-se calado... Pois bem, o nosso grande Bernanos opinava e opinava alto, bom som, rasgado. Aos bons padres alemães, do Verbo Divino, da capela de São Geraldo, que sempre discretos e dedicados aos seus misteres têm vivido em Barbacena, Bernanos não dava tréguas: considerava-os, sem exceção, espões do Eixo, agentes da Gestapo. O pobre delegado de polícia de Barbacena, Dr. Haroldo Pereira da Silva, tão prematuramente falecido, se via em palpos de aranha. Bernanos exigia que ele desmantelasse aquela sinistra rede de espionagem e afirmava furioso:

– Onde houver um alemão, seja padre ou freira, há um espião em potencial...

E ameaçava denunciar o delegado às autoridades superiores.

O Vigário de Barbacena, daquela época, era um sacerdote piedosíssimo, de raras virtudes, um padre modelar e profundamente francófilo. Uma noite Bernanos ia comigo jantar na casa do Dr. Paulo da Rocha Lagoa e, de passagem pela casa paroquial, notou que do alpendre pendia uma lanterninha vermelha. Estacou e pôs-se a fazer considerações sobre a luzinha avermelhada: achava-a imprópria, ridícula, e encarregou-me de pedir ao Vigário, em seu nome, que a retirasse ou lhe mudasse a cor. Eu conhecia o padre: era obstinado. De minha parte fui protelando a embaixada. Bernanos exasperava-se: só falava daquela luzinha vermelha na noite solitária e fria... Quando viu que eu não me desincumbia, mandou por uma de suas filhas um recado ao cura. Não surtiu efeito. Mandou o segundo, e o terceiro foi tremendo: devia retirar a luz vermelha, porque assim não parecia uma casa paroquial, mas dava a impressão de alegre casa de tolerância...

Ficava horas a fio no café, conversando com alguns estudantes e os ajudava nos deveres escolares. Achava o programa de francês, que se administrava nos

colégios, de uma dificuldade sem par: equivalia em França a um curso de especialização...

Certa vez procurou-me aborrecido com Tristão de Athayde, por cuja inteligência, cultura e virtudes pessoais tinha fascinação, só porque o grande Alceu achava, com a sinceridade que o caracteriza, pouco provável uma vitória da Inglaterra sobre o Eixo.

Dos escritores brasileiros conhecia alguns. Achava uma delícia as *Memórias de um sargento de milícias*, e prezava, em particular, os livros de Lima Barreto. Pouco conhecia da literatura de Portugal. Quando lhe dei *A relíquia*, do Eça, exultou; achou-a deliciosa e me disse:

— *S'il avait écrit en français, il aurait été connu dans le monde entier...*

Suas diferenças com certa parte do clero eram notórias. Não tolerava os jesuítas...

De uma feita, fui encontrá-lo chorando de emoção: vinha ele a cavalo, quando um desses jornaleirinhos anônimos que faziam ponto na Estação, correu a seu encontro, fazendo-lhe sinal que parasse... E o jornaleiro — um pretinho — abria o *Correio da Manhã*, e lhe mostrava qualquer coisa a seu respeito... Era um rodapé, cujo título, em letras maiores e mais fortes, chamou a atenção do menino: HOMENAGEM A BERNANOS, desse crítico extraordinário, o Sr. Álvaro Lins. Aquele gesto para Bernanos — o interesse de um pobre menino pela sua pessoa — valia mais do que uma alta condecoração...

Escrevia sempre num café, hábito de que nunca se livrou: e quanto mais forte fosse o barulho, mais ruidoso o movimento, mais se sentia à vontade. Em Barbacena tinha a sua rodinha: o saudoso professor Honório Armond, príncipe dos poetas mineiros, cujos versos em francês encantavam-no e que ele recitava de cor; seu médico, o Dr. Galdino Abranches, clínico de nomeada, um pouco afastado da profissão, e filósofo de idéias próprias; Monsieur Brut, francês radicado havia anos no Brasil e dono da tecelagem Franco-Mineira, de Barbacena. Era muito amigo do Dr. Paulo da Rocha Lagoa, cuja espantosa cultura científica e vasta erudição considerava como das maiores que conhecera. Este juízo deixou-o ele gravado com a sua bela letra bordada, num dos livros que lhe ofereceu.

Bernanos amava sinceramente o Brasil e sei que não desejava sair mais daqui.

Era absolutamente francês. Certa vez estávamos no Rio. Eu tinha ido a um concerto sinfônico de Eugène Szenkár e devia, em seguida, ir encontrar-me com Bernanos que me esperava na Brahma. Do programa só constavam nomes alemães: Mozart, Bach, Beethoven. Saí do concerto entusiasmado e fui ao encontro de Bernanos. E lhe transmiti o meu incontido entusiasmo: aquela trindade excelsa: aqueles mestres imortais da música alemã... Bernanos franzira o rosto e os gestos de sua fisionomia não concordavam comigo. Fitava-me com desdém:

— *Oh, non, cher ami... Mozart, Bach, Beethoven... toujours ça! Vous m'embêtez, mon vieux!*

Parou: pensou um pouco, como se procurasse algo e depois, olhando-me com superioridade, numa alegria triunfante, tipicamente celta, exclamou vitorioso:

— *Debussy, voilà!*

Assim era a doce e amargurada figura de Bernanos!

Nunca descreu da democracia. Se ridicularizava os parlamentos, era porque mereciam ser ridicularizados. Suas divergências com os Estados Unidos eram notórias: considerava-os incapazes de dirigir o mundo e dizia bem alto que os americanos iriam fazer tudo para apoderar-se do império francês e do império inglês que eles cobiçavam desveladamente. Odiava qualquer política racista, não admitia discriminação de cor. Era tolerante em matéria religiosa e me dizia ser melhor para um homem não ter religião, a não conhecer a própria que professasse. Monarquista por dentro e por fora, atribuía a Pedro II a unidade territorial do Brasil.

No início de 1944, uma série de incidentes, um sem-número de mal-entendidos determinaram sua saída de Barbacena. Pobre Bernanos — poucos o sabem! — como terrivelmente sofreu...

Separamo-nos.

A guerra chegava ao fim, a França era libertada: eu estava no Rio de passagem para o Triângulo Mineiro. Era uma tarde calmosa: entrei na Brahma e tomava um chope no balcão, quando o garçon veio dizer-me que alguém me chamava a uma mesa: era Bernanos. Há um ano não nos víamos. Senti no seu

abraço toda sua amizade, que fatos alheios à nossa vontade não tiveram força para arrefecer. Ia chamar-me em Barbacena, pois não queria ir-se embora, sem ver-me antes. Notei-o muito triste e seus olhos pareciam-me apagados. O fim da guerra não lhe trouxera aquela alegria esperada. Abriu-se numa crítica acérrima aos Estados Unidos, e afirmava que Roosevelt dera de presente o mundo aos russos.

Acrescentou não ter ilusões: na França só encontraria inimigos, e não achava fácil readaptar-se...

Estava acabrunhado e triste: francamente, eu preferiria não o ter visto. Fez blague:

– Estive em Paquetá: e como o nosso D. João VI, preferiria não voltar – gostaria de ficar por aqui mesmo...

Já era noite: recordamo-nos daquela primeira, tão fria e neblinada, em que nos falamos... Eu tinha de sair... Pediu-me que o acompanhasse até o escritório de Virgílio de Melo Franco, que o aguardava.

Tomamos um táxi. Chegamos. Descemos. E então me recomendou (parece-me que o estou ouvindo, agora, nesta onda avassaladora de pungente, atroz saudade):

– Fique vigilante com o que mais tarde disserem ou escreverem de mim, aqui no Brasil. Defenda-me sempre... Muita gente que nunca me viu, que nunca me leu, com quem não tive contato, vai dizer-se amiga minha, atribuir-me frases que não disse ou idéias que não tive...

Eu estava comovido: era duro aquele momento!

Bernanos mandou uma mensagem carinhosa para minha mulher. O velho Mago de Cruz-das-Almas entrou no elevador. Sua figura estava triste e magoada, como magoada e triste foi sempre a sua vida...

Nunca mais, nunca mais o vi.

Era o adeus!

Rio, Natal de 1959.

PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n. 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Sergio Corrêa da Costa
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Celso Furtado
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Miguel Reale
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Afonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Zélia Gattai
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Oscar Dias Corrêa
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Josué Montello
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Moacyr Scliar
32	Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT.



